

**dirceu villaⁱ*****Oito poemas*****o inominável**

nós fizemos um monstro com duas asas
como colunas dóricas, mas demos mais,
demos-lhe também um uniforme negro
dos nossos pesadelos, capacete e luvas,
nós o pusemos hierático nos quadros e
creio que o dissecamos em nossos filmes.
nós o compusemos em pedaços de coisas
em tempos diversos, nós o consagramos
com barba comandante e doçura feminina,
ou também cruel feminino, macheza dócil,
nós o pusemos na escuridão dos cantos
esquecidos das nossas casas, sótão e porão,
entalamos sua cauda pontuda nas estantes,
nós lhe demos de comer comida gorda,
comida magra, nós o deixamos de jejum,
o revelamos em fotos do melhor contraste,
ou mal o discernimos fundido às sombras,
nós o amamos em sua invencível beleza
e abominamos por sua inaceitável feiúra,
nós lhe demos um nome, mas subitamente
o medo de o dizermos nos paralisou e eis
que o conjuramos apenas e somente sem
o verbo, já perdido, entre a razão e o instinto.

lugete

ela está perdida por tudo o que perdeu:
que volte o amor perdido numa voz ao celular,
a vida pela vida alheia, as palavras por um rito
de palavras inventadas que espalha como espelhos
entre estranhos.

perdida, sua força sem perguntas, igual à natureza,
medo agora em meio ao mundo; perdido, o suor
de sua beleza, o sexo sem pudor: pesada, triste
e com remédios que remendam
o que é sem cura.

tudo o que perdeu lhe abate como golpes de marreta
a pôr abaixo muro forte; como a planta cujo viço
o ano amargo a pouco sol acinzentou: o que perdeu,
e dói sem reação, arrasta à perda mais do que já foi:
[choramos] ela mesma.

o acordeonista lisboeta

grandes maltrapilhos da europa oriental
pisam o chão de metal
dos trens do metrô; carregam
e tocam acordeões.
com pirralhos já sebosos
passando os piedosos
chapéus, os maltrapilhos vão.

não o acordeonista lisboeta
— sisudo gorducho já careca,
ginja d'óbidos, olhos em conserva:
traz no ombro um chihuahua,
patas traseiras lá, e que observa
o instrumento sonoro com presas
de onde pende a *pet* cortada, presa
a uma alça de metal, pra esmolos:
moedas tilintam, o cãozinho não pesa.

olha os transeuntes sem se mover
— que o ombro o adestre —,
no equilíbrio de esfinge pra manter
a caixa dos trocados do mestre.
ele toca eu acho um velho fado,
triste, mas feito de trinados,
o acordeonista, espessa nuvem pedestre.
sai em silêncio do vagão
e ouço a melodia renovada
ao entrar peloutra porta o acordeão.

plesiossauro no museu de história natural

plesiossauro
na espuma pujante
de pedras

_____ ossos: cantam.
novos como naves. e como nadam
minerais em minerais

vocês ouvem vergarem
os galhos?

e,
lá fora, as folhas? e, traços
nas folhas, aflitos
fugirem
em vozes os pássaros?
é o vento

_____mas
nele, os ninhos; nos bicos
nada agora um vôo

osso mineral
mero sinal
o velho
sauro se esgalha,
fossilossauro.

telegrama no front contra a imbecilidade

você insiste. é inútil. sutileza? eles são muitos.
não há hipótese de vitória. leia heródoto.

a invenção da tolerância

tous les hommes sont frères

puseram-lhe a peruca espargindo talco em pó,
apertaram o redingote de brocados
e lhe calçaram um *soulier à boucle* delicado.

pronto e com os braços já cruzados
na altura da cintura em suas costas,
olhou pela janela com os livros que já lera,
alguns deles em latim, para respostas.

"sábios hindus banhando-se no ganges,
a cerimônia japonesa serve o chá civilizado,
notável a cabala do judeu em letra e dígito,
medicina e armas maometanas, o outro lado:

vejo tudo do jardim com essas plantas
divididas em harmonia, e com razão.

eu firmo agora os pés nesse universo,
eu domo a vida com a guerra, a régua e o comércio
e cedo a todo estranho essa palavra, um novo berço".

pretérito perfeito

you have to learn to live with a strange new reality
brian o'blivion

até o complexo r o núcleo duro o cerebelo
despertarem o velho e bom réptil
lhe diremos quando deverá cortar o cabelo
ou os pulsos quando aplaudir na platéia
leitor de notícias
indignas de nota, pretérito perfeito

como choram os operadores
da bolsa de valores como parecem
os gregos diante de ésquilo
em seu pavor mas sem piedade perder tudo
talões de cheque cartão de crédito
sorriso protocolar de propaganda
de plano de saúde ou pasta de dentes
para o branqueamento das presas

possível como [pergunta-se] haver
pessoas de dizeres transparentes
neste mundo de ranger de dentes
pensamentos recorrentes

o obsessivo hipocondríaco não medita
o mundo dentro e fora
tem leis que mudam a toda hora

KATHOLIKOS

Giovanni Pico della Mirandola,
mirandus ille iuvennis —
no trocadilho de Ficino —
reuniu 900 conclusões
para trazer paz a três ou quatro religiões
que se matam por ter visto uma verdade,
fantástica ilusão de ótica.

Mas entre franciscanos e dominicanos em Florença,
sequer trouxe paz
a 2 facções da mesma Igreja, a católica —

— do grego *katholikos*, “inteiro”, “completo”.

Florença, julho, 2008

ⁱ O poeta **Dirceu Villa** nasceu em São Paulo em junho de 1998 embrulhado numa capa vermelha que estampava o desenho de um camaleão. É o rei de Inscape e o melhor poeta de que você jamais ouviu falar. Tem poemas traduzidos para línguas nas quais ainda se lê poesia. As crianças o chamam de Medusa, e ele gosta de andar pela cidade porque detestaria ter de dirigir. Também não gosta de telefones nem de grupos em que só há pessoas do sexo masculino. Escreve o mais preguiçoso e duradouro blog da internet, *O Demônio Amarelo*, <http://odemonioamarelo.blogspot.com.br/>, porque finge que escreve para uma revista literária.